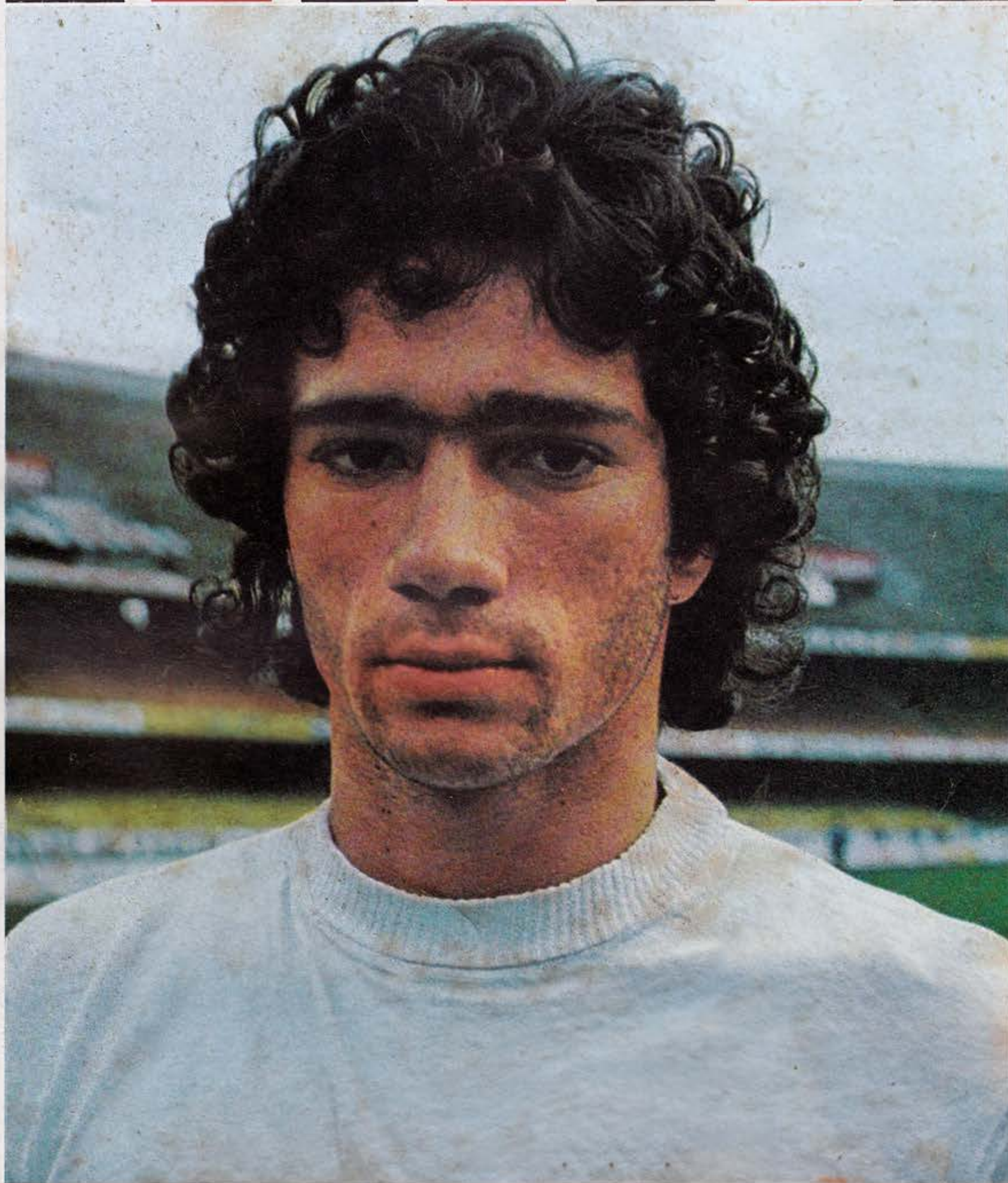




PAULISTÃO



ZÉ SÉRGIO

PAULISTAS, VOLTAMOS!

O "carnê" Paulistão sempre mereceu por parte de todos os desportistas de São Paulo, do Estado e do País, a melhor acolhida. Quando surgiu, de forma pioneira em auxílio de um clube de futebol, distribuindo prêmios e mostrando a que fim era destinada a importância arrecadada, sentiram todos, indistintamente, a grandiosidade do plano. Foi com os primeiros recursos do "Paulistão" que a diretoria do tricolor pode concluir as obras da praça de esportes do Morumbi, ampliar suas instalações e proporcionar aos associados, visitantes e torcedores, dos mais variados clubes, conforto e bem estar na maior praça esportiva particular que uma agremiação possui em todo o globo.

Isto foi conseguido, repetimos, graças ao incondicional apoio dos adquirentes do nosso carnê, bem como a lisura que sempre teve a direção do Paulistão na entrega pontual e imediata dos prêmios aos seus ganhadores. Outros co-irmãos também valeram-se desta iniciativa do São Paulo, também para ampliar suas praças esportivas, pois não restam dúvidas que este incentivo permitido pelo Governo Federal, tem como escopo e objetivo, apenas proporcionar entretenimento para o povo em geral.

Principalmente nos dias de hoje, quando a deslocação de um centro para outro vai se tornando difícil, pois o fechamento dos postos de gasolina nos fins-de-semana impedem sempre viagens um pouco mais longas, é do clube, em dia de sol ou pelas atividades internas, em recintos fechados, que todos se valem para passar os dias e recuperar suas energias do lufa-lufa diário e contínuo.

Por isso, podemos dizer com muito orgulho e satisfação a todos os Paulistas que aqui estamos novamente. Para dar alegria e distribuir os prêmios para todos aqueles que nos prestigiarem.

A DIREÇÃO.

PAULISTÃO

São Paulo - Ano 1 - N. 1 - 1979

Publicação do São Paulo Futebol Clube

Certificado de Autorização n. 01/00/011/79

Secretaria da Receita Federal

Processo do Ministério da Fazenda

n. 0168-51.372/79

DIRETOR RESPONSÁVEL
WALTER LACERDA

COLABORADORES

Oswaldo Bentini

Severino Pereira Junior

Mario Andrade

Levi Silva

Mariovaldo Souza Mineiro

REDAÇÃO

Praça Roberto Gomes Pedroza 8 - Morumbi - São Paulo

O TRABALHO TEM SIDO ÁRDUO



Quando da inauguração do novo balneário do São Paulo, durante o ano de 1979, mostrava-se o presidente Antônio Leme Nunes Galvão, satisfeito por poder oferecer à coletividade são-paulina mais uma grande realização. No sentido administrativo, o destacado mentor do "Mais Querido" salientou:

Administrativamente acredito que o ano de 79 foi muito bom para o São Paulo. Cerca de dez milhões de cruzeiros foram empregados em obras que vieram beneficiar o associado do nosso clube. Para o ano de 80, algumas remodelações serão feitas na parte social e esperamos concluir, com os recursos proporcionados pelo "Paulistão", mais três ginásios, sendo que um deles com arquibancadas para acomodar 1.500 pessoas, um prédio de estacionamento para os associados, além de melhoria em alguns setores que estão exigindo uma atenção especial.

— Poderão os associados do tricolor sentir o esforço que está sendo desenvolvido pela diretoria do São Paulo, com o fim de tornar o tricolor de amanhã, maior do que o de hoje, como o de hoje é maior que o de ontem. Foi graças ao pioneirismo dos nossos antigos presidentes e diretores que o clube alcançou a privilegiada situação, dos dias atuais. Não fosse esse esforço e o gigantismo mostrado em todas as ações de nossos antecessores, por certo não poderia ter tido o privilégio de realizar algumas obras durante o ano de 1979.

Presidente Antônio Leme Nunes Galvão confiante

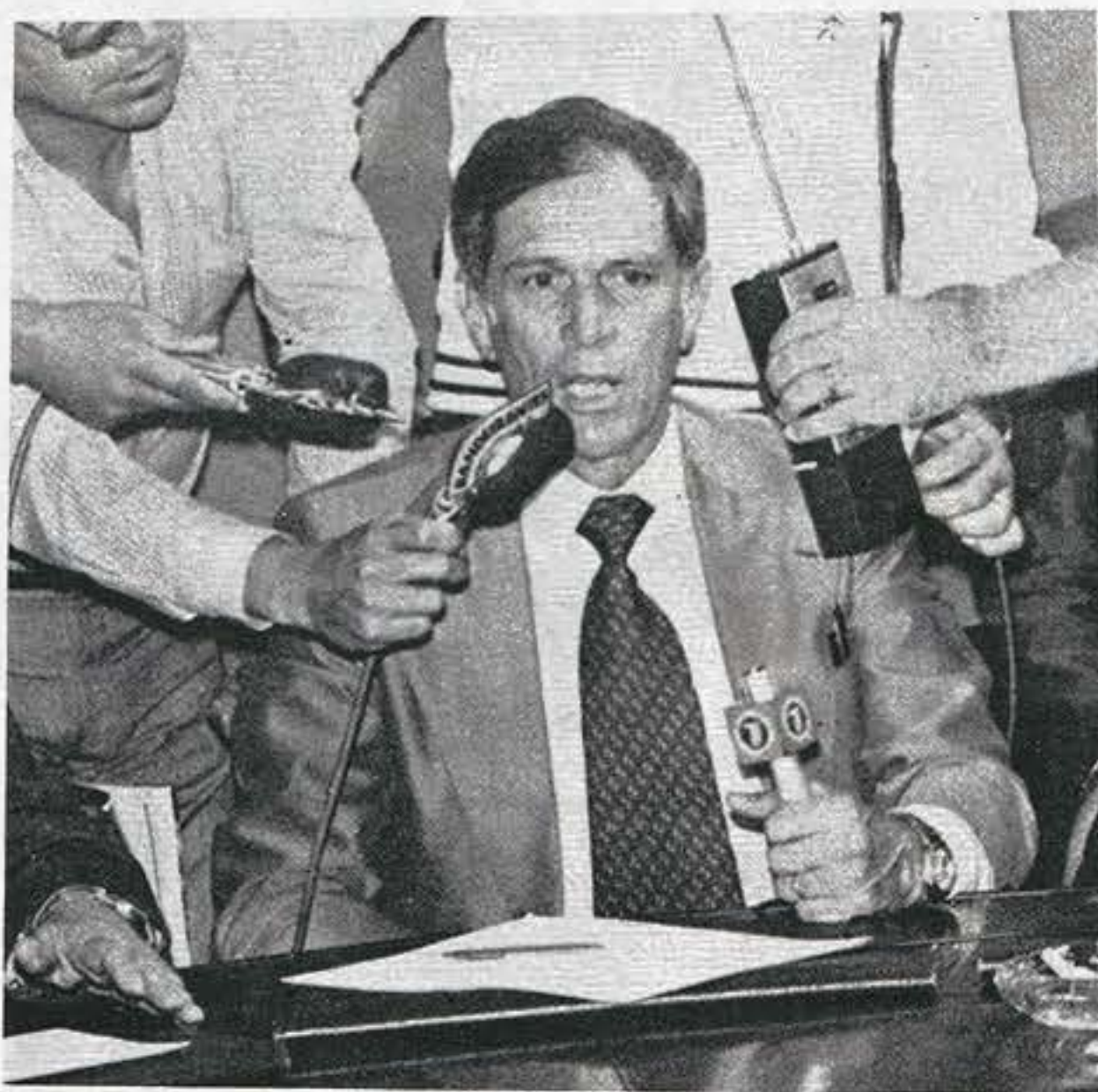
DIAS MELHORES VIRÃO PELA FRENTE EM 1980

Não é fácil, como muitos podem supor, a tarefa de um presidente de clube de futebol. Principalmente quando esta agremiação possui o prestígio, tradição e renome do São Paulo FC. Isto porque, se a associação sabe proporcionar aos seus associados uma enorme série de regalias no parque poliesportivo (um dos melhores do Estado), no terreno futebolístico, seus torcedores (milhares não são associados) gostam de ver no campo de jogo um time formado por grandes estrelas. Exatamente por esse motivo é preciso ter cuidado quando uma agremiação, como é o caso do tricolor, precisa reforçar suas fileiras, despende enormes somas e conseguir atletas que venham a tornar-se ídolos dentro do clube.

Sabemos ter o presidente Antônio Leme Nunes Galvão encontrado muitas dificuldades pela frente no exercício de 1979. Salvou bastante a situação financeira do clube o fato de os jogos finais do Paulistão de 78 terem sido levados a efeito do Morumbi, com grande público nas decisões e, também, o fato de estar o tricolor participando da disputa, embora não contasse com os valores pretendidos pela grande massa. Falando a respeito do assunto, o presidente de todos os são-paulinos, dr. Antônio Leme Nunes Galvão, comentou:

— Na verdade 79 não foi um ano muito feliz para o nosso clube. No primeiro semestre, quando ainda disputamos aos finais do Paulistão e o título nos fugiu apenas por uma questão de interpretação do regulamento tivemos uma campanha até certo ponto digna de aplausos. Acabamos como vice-campeões paulistas à frente de outros concorrentes cujas possibilidades se apresentavam — perante a opinião pública — bastante superiores. No segundo semestre, todavia, com alguns contratempos de contusões de jogadores, cartões amarelos e vermelhos, o time de futebol não cumpriu aquilo que dele esperávamos. Ainda assim, no meio da disputa, acabamos perdendo o concurso do nosso técnico numa hora de muita importância para o nosso futebol. Respeitando, contudo, o comportamento de Rubens Minelli, dentro do clube, não poderíamos, de maneira alguma, impedir sua saída naquela ocasião.

— Acredito, no entanto, estarmos preparados para ver o quadro de futebol do São Paulo FC cumprir uma campanha das mais destacadas na temporada de 1980. Os primeiros reforços já foram contratados. Remodelando o elenco de profissionais, teremos condições de chegarmos ao título de 1980, dando, assim, uma grande alegria à família são-paulina. Temos a certeza de não vir a ocorrer mais altos e baixos no rendimento do quadro. Mas será preciso que a grande massa torcedora do São Paulo também prestigie os investimentos que estão sendo feitos, para incentivar e aplaudir os novos ídolos da agremiação. No estádio de futebol possivelmente em janeiro o novo placar estará pronto e ficaremos com um time à altura do estádio que orgulhosamente o S. Paulo possui.



Zé Sérgio, um dos grandes vultos do S. PAULO



Zé Sérgio, durante o campeonato paulista de 78, que terminou em meados de 79 foi um dos melhores são-paulinos. Depois contundiu-se e na Seleção Brasileira teve um ano de ouro.

SEI QUE A LUTA É DURA E POR ISSO NÃO DESCANSO



Ao alto Zé Sérgio e o jovem arqueiro Armando, cujas virtudes são reconhecidas inclusive por Waldir Peres, o titular do gol tricolor.

A carreira de Zé Sérgio, (que aparece na capa da Revista) no São Paulo e na própria Seleção Brasileira, começou sob um certo olhar de descrença por parte de torcedores em geral. Muitos diziam estar treinando ou participando do onze são-paulino, como titular, pelo fato de ser primo de Roberto Rivelino, o grande astro do futebol brasileiro, atualmente na Arábia Saudita. Acontece um fenômeno curioso. Zé Sérgio foi sempre fã de Riva. Quando este jogava no Corinthians, o defensor atual do São Paulo acompanhava o seu primo. Em família batiam bola. Nas peladas dos campos do bairro de Santo Amaro, Riva também ia transmitindo ao seu jovem primo alguma coisa importante em matéria de futebol.

Quando sua presença passou a ser sentida e notada, mais de perto pela maioria dos críticos esportivos de São Paulo, seu nome foi logo cogitado para a seleção brasileira. Claudio Coutinho, no entanto, longe de aproveitá-lo em sua verdadeira posição (ponta esquerda) o deslocou para a direita, onde o seu rendimento deixa de ser igual ao

produzido na esquerda, embora seja um valor versátil, sabendo usar ambos os pés. Na Seleção de 1974, na Argentina, todavia, parecia queimado para defender a posição em outro futuro. Aconteceu, no entanto, a "explosão" do garoto nos jogos do Campeonato Paulista e o próprio técnico Claudio Coutinho não pôde fugir a uma observação mais profunda. Soube aproveitar bem o futebol de Zé Sérgio, prontamente aceito pelos cariocas.

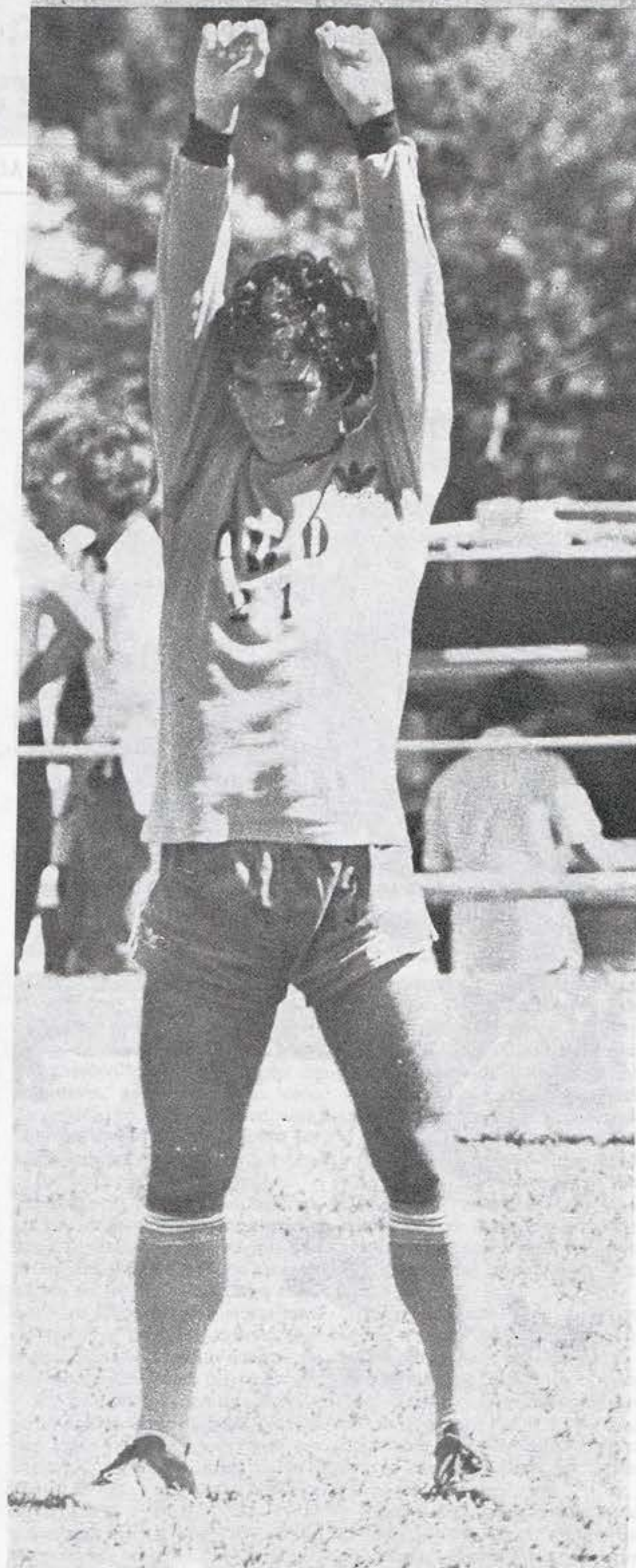
As suas jogadas pela linha de fundo, permitindo o aproveitamento dos demais companheiros, no time do São Paulo e de outros destacados avantes na seleção brasileira, em jogos importantes, prontamente serviram para guindá-lo ao estrelato. Todavia, quanto mais subia o seu cartaz, maior era o número de pontapés que recebia por parte dos adversários. Com uma habilidade espantosa, pois sai com facilidade, tanto pela esquerda até a linha de fundo, onde cruza a bola para os seus companheiros, ou, pelo "miolo", onde também se infiltra perigosamente. O seu nome, inclusive, foi ventilado para o Exterior, pois no momento em que o mercado italiano foi aberto para os estrangeiros, naturalmente, um dos valores em foco será exatamente Zé Sérgio.

— Estou muito bem no São Paulo. Tenho procurado aprender cada vez mais e não me sinto, tal como acontece com Rivelino, plenamente realizado. Sou, no entanto, um profissional e o que a diretoria do meu clube achar melhor no futuro, tenha a certeza de que o que for bom para o São Paulo também o será para mim, pois acima de tudo sou um profissional e todos sabem ser bastante curta a carreira de um jogador de futebol.

— Exatamente por saber que a luta é dura e intensa é que não descanso um momento e sempre que posso estou treinando e corrigindo meus erros para aprimorar ainda mais o meu futebol.



Com sua participação efetiva e dedicada, tornou-se um ídolo para a torcida são-paulina exigindo dos adversários sempre dura marcação.

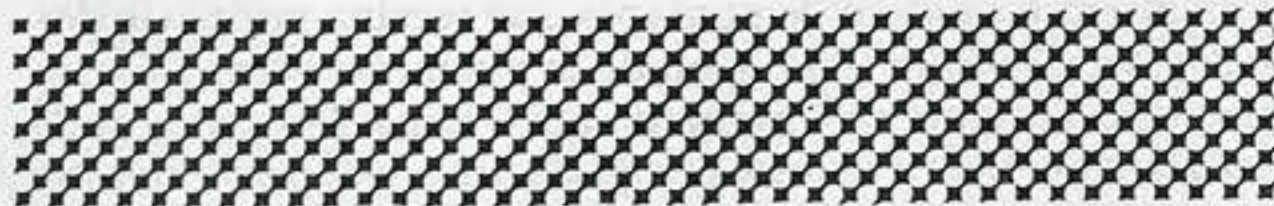


O trabalho de Zé Sérgio, na seleção em 1979 mereceu por parte de toda a crítica especializada brasileira os maiores elogios.

UM CRAQUE QUE ESTÁ SEMPRE NO "ENTRA-E-SAI DO CLUBE"

ENÉAS NÃO DISCUTE SUA SAÍDA MAS ACHA A IDÉIA MUITO BOA!

Escreveu: Mario de Andrade



A continuar defendendo as cores da Portuguesa de Desportos, quais as possibilidades Enéas teria para fazer a sua independência financeira, dentro das novas metas de trabalho que serão implantadas para o departamento profissional com a posse da nova diretoria em fevereiro?

O aspecto financeiro, contudo, não parece ter tanta relevância, embora seja uma variável que não pode ser simplesmente amputada ou deixada de lado nesta análise. Salta aos olhos o lado profissional. Enéas é um jogador realizado profissionalmente? Até que ponto a longa permanência na Portuguesa teria truncado a sua carreira?

Em outras épocas, a Portuguesa chegou a ceder vários jogadores para a seleção brasileira, incontáveis vezes. Todos se lembram, principalmente os saudosistas rubroverdes, quando nada menos do que nove jogadores fizeram parte de uma seleção paulista.

E Enéas, que poucas chances teve de mostrar o futebol que tem na seleção brasileira, a que creditaria o esquecimento de seu nome na hora das convocações? Muitas hipóteses caberiam aqui, e entre elas algumas certamente irão de encontro ao pensamento do jogador.

Poderia-se cogitar, e isto é um fato sempre lembrado quando se trata de um jogador cujas qualidades sobressaem-se sobre os demais, o excesso de craques para a posição em determinado momento.

Tal hipótese pode ter contribuído para diminuir as chances do jogador de projetar-se internacionalmente, assim como contribuiu para relegar

ao mais completo esquecimento, na hora das convocações, jogadores de gabarito inquestionável como Ademir da Guia e Dirceu Lopes.

Mas se Enéas surgiu em época errada, numa época inflacionada em termos de craques, não é menos mentira que se surgisse com outra diretoria no comando da Portuguesa, que não a atual, que já vai para mais de dez anos de mandato, suas perspectivas futuras seriam invejáveis.

Enéas foi descoberto em 1971, pelo então preparador de juvenis Godê, atualmente no Palmeiras. Mas somente dois anos mais tarde é que seu futebol passou a ser admirado e cantado em prosa e verso.

Ao mesmo tempo em que Enéas dava os primeiros passos de uma carreira que tinha tudo para ser das mais brilhantes, a Portuguesa vivia graves crises políticas, todas motivadas e provocadas pelo atual presidente.

Como que para compensar os fragorosos fracassos políticos que ia conhecendo dia após dia, o presidente lançou-se com uma fúria incontrolável no enriquecimento do patrimônio do clube.

Assim, o dinheiro que seria empregado em novas contratações para o time de futebol, visando dar companheiros de gabarito para jogarem ao lado de Enéas, foi sendo carregado para a construção do estádio.

O estádio ia ganhando forma, crescia e tornava-se uma realidade, mas o time de futebol sofria processo inverso. De derrota em derrota, aquele grupo de jogadores transformou-se num arremedo de ti-

Em dia de "inspiração" Enéas só pode ser contido desse jeito: no agarrão.



Ninguém discute as qualidades de Enéas como jogador. Todos reconhecem que é um craque. Mas perguntam observadores mais atentos: não chegou o momento da lusa vender o seu grande craque?



As contusões afetaram bastante o rendimento de Enéas na temporada de 1979.



Em boa parte da brilhante campanha da lusa, Enéas foi valor destacado na temporada de 1979.

me, conhecendo vexames não compatíveis com as tradições rubroverdes.

Tentem lembrar-se de alguma contratação bomba realizada pela diretoria da Portuguesa desde o surgimento de Enéas. A maioria dos jogadores que foi trazida para o Canindé não passavam de futuras esperanças e morreram no nascedouro, e outro tanto de contratações chegou a ser ridículo. Pouquíssimos vingaram. Só com Avelino esse trabalho deu certo.

Não queremos dizer que a diretoria da Portuguesa estava na obrigação de contratar mais dez craques para jogarem ao lado de Enéas, mas ela não deu todas as necessárias condições ao jogador para que desenvolvesse todo o seu futebol. Era triste ver Enéas recebendo uma melancolia como troco de uma bola redondinha que acabara de passar a um determinado companheiro.

Mas o pouco caso da diretoria com o time de futebol, fazendo contratações inexpressivas, traria mais tarde graves consequências, que implicariam em nova dissolução de quase todo um time de futebol.

Enéas sempre foi o maior salário do time desde que se afirmou. Mas dentro de campo sofria horrores por este privilégio financeiro. E às bolas quadradas que recebia juntavam-se insultos do tipo "corre, milionário".

Achincalhado como homem e profissional, Enéas procuraria, mais uma vez, o presidente pedindo-lhe que negociasse seu passe. Entretanto, mais uma vez, o presidente optou por dissolver quase todo um elenco e ficar com a sua maior estrela. Teria sido um erro?

Por outro lado, a antes intocável estrela Enéas foi perdendo, pouco a pouco, o seu crédito junto a torcida. E aqueles que outrora ameaçaram de morte o presidente caso o vendesse, hoje são defensores incontinentes da saída de Enéas da Portuguesa. A torcida, paulatinamente, foi compreendendo que aquele jogador sozinho não poderia arcar com todas as responsabilidades do time de futebol.

E o próprio Enéas sabe que hoje a torcida divide sua idolatria com Caio, Ewerton e Rui Lima, e não são raras as vezes em que estes jogadores são estrondosamente aplaudidos,

enquanto ele recebe uma solene vaia. Vaia que está tornando-se mais forte a cada novo jogo, a cada passe errado, a cada gol perdido. "Acorda, dorminhoco", costumam gritar os torcedores, antes mesmo do início da partida, como que premeditando um insucesso irreversível. Como que responsabilizando-o antecipadamente por uma provável derrota.

Hoje, pode-se dizer, com segurança, que há um clima favorável para a saída de Enéas, uma saída que não provocará dramas, ameaças ou revoluções dentro do clube. Uma saída que, aos 25 anos, seria muito mais do que uma "carta de alforria", mas a possibilidade de dar o mais alto e insinuante voo de sua carreira.

E o próprio trabalho de reformulação de elenco profissional iniciado por João Avelino oferece condições concretas para que uma possível venda de Enéas não venha a abalar as estruturas do time.

Embora Avelino não abra mão de ceder Enéas, no íntimo ele será o primeiro a admitir, como já admitiu, que a mudança será mais do que benéfica para o jogador no sentido profissional. "Afim, quem agüenta

ver as mesmas caras e o mesmo armário, todos os dias, e durante dez anos?", costumava falar.

É preciso que Enéas encontre uma motivação maior para prosseguir sua carreira, motivação que dificilmente ele reencontrará no Canindé, a não ser que este time que João Avelino está armando tenha condições para oferecer ao jogador, num curtíssimo prazo de tempo, tudo aquilo que ele não teve desde que vestiu pela primeira vez a camisa da Portuguesa, há quase nove anos atrás.

Tudo isto não quer dizer que Enéas entre em campo desmotivado, e não empregue a mesma garra, a mesma luta de início de carreira. Não. O seu empenho dentro de campo talvez seja até maior, e erre constantemente tal a sua vontade de acertar, de querer apagar a má impressão junto aos torcedores.

A ambição de um craque ultrapassa todas as fronteiras, mesmo que elas estejam circunscritas pelas cores do clube que defende. Tolher esta ambição, depois de tantos anos de luta e dedicação, é o mesmo que cortar as asas de um pássaro.

VERDÃO TEM UM BAIXINHO COM FUTEBOL GRANDÃO

JORGINHO; O CÉREBRO

Escreveu: Severino Pereira Junior

Muitas vezes, o que dá para rir dá pra chorar, um velho ditado que muita gente ainda não aprendeu. E aquilo que fez Amilton Rocha chorar (ter que abandonar às pressas a camisa sete do Palmeiras por causa de um problema de família), abriu um sorriso nos lábios de Jorginho, um menino de ainda 20 anos de idade, da tradicional família Putinatti, de Marília, que veio para o Parque Antartica na condição de centroavante rompedor, apesar de seu porte físico inferior a muitos trombadores que alcançam o gol quase que na raça quando se defrontam com zagueiros pesados.

Com a bola nos pés, Jorginho, é atualmente, o "cérebro eletrônico" do Palmeiras. Se não aparece dando trombada na área, marcando gols de canela, dá passes perfeitos, faz cruzamentos milimétricos ou bate escanteios com incrível perfeição para seus companheiros. Isto sem se falar no seu talento de goleador, com gols marcados de linda feitura que chegaram a levantar o público das gerais.

Jorginho, o Jorge Antonio Putinatti, 20 anos de idade, nunca foi um ponta direita, na realidade. Seu gênio como futebolista começou a "pintar" com a camisa 9 azulada do Marília, entre jogadores experientes como Rodrigues e tantos outros. E foi para jogar de centroavante que Jorginho foi contratado pelo Palmeiras, por empréstimo de um ano, já que sua compra em definitivo estava condicionada a ser aprovado nos exames médicos.

— Quando cheguei ao Palmeiras, no início do ano, o titular da camisa 7 era o Amilton Rocha. E quem foi contratado para jogar nesta posição (também vindo de Marília e com apenas 18 anos de idade) foi o Luis Silvio, que pertencia aos juvenis do MAC e no passado foi artilheiro da Taça São Paulo de Futebol Juvenil. Acontece, porém, que o Amilton Rocha teve de retornar às pressas para Pernambuco, já que sua esposa não se adaptou ao clima de São Paulo e estava muito doente.

Luis Silvio também não pode, logo que Amilton Rocha foi embora do Palmeiras, vestir a camisa sete do Verdão. Sofreu uma fratura na mão. Foi aí que o olho clínico de Telê Santana começou a funcionar. Ele olhou naquele garoto franzino, de passadas curtas, e chamou de lado. Bastaram cinco minutos de conversa para Jorginho se transformar num ponta direita e assimilar tudo aquilo que Telê queria e que o Palmeiras necessitava para se transformar numa máquina de fazer gols.

Mas, por que Jorginho com a camisa sete?

— Porque me propus a combater os adversários. Porque não sou um jogador trombador e tenho facilidade para voltar e cobrir o Rosemro. E também porque, sabendo bater com os dois pés (um de cada vez, é claro), procuro me movimentar no campo inteiro e muitas vezes estou até na ponta esquerda. Isto faz parte do plano de trabalho que foi montado.



Jorginho, jogando como Telê atuava antigamente, deu outra dimensão à forma de jogar do Palmeiras no certame de 1979, no Paulistão. Ainda não está registrado como profissional. Por isso defenderá o Brasil no torneio pré-olímpico, na Colômbia.

Por ter apenas 20 anos de idade, a carreira de Jorginho não é pontilhada de títulos. Não é tão extensa como a de muitos veteranos que até hoje não conseguiram se firmar numa posição. Ele começou a jogar futebol em 74, no Juvenil do Marília. Em 78, quatro anos depois, foi convocado para a Seleção do Brasil que jogou em Cannes. No começo do ano defendeu a seleção brasileira de novo, participando do Sul Americano no Uruguai.

— Títulos? Até hoje só ganhei um em toda a minha carreira. Fui campeão de um torneio que disputamos no Irã. Em Cannes, nossa seleção chegou em terceiro lugar.

Pelo seu estilo de jogo, pela sua maneira diferente de se movimentar em campo, pois não guarda posição (como ponta direita), justamente para abrir espaços e facilitar as arrancadas de Rosemiro, muitas vezes, Jorginho — nas derrotas, é claro — foi criticado por alguns. Ele, porém, não se abala com isto, pois trata-se de um esquema pré estabelecido, imposto pela filosofia de trabalho de Telê Santana.

— Nas derrotas, as críticas surgem. É que os defeitos do time só aparecem nos resultados negativos. Estou tranquilo porque nosso trabalho foi planejado, estudado. Não é todo dia que vai dar certo, pois posso estar numa jornada infeliz ou então, o adversário acabar descobrindo todo o nosso segredo.

Não é, no entanto, a simples remexida, ocasionada por uma improvisação forçada, na ponta direita, que Jorginho atribui o sucesso deste novo time do Palmeiras que sofreu aproximadamente 50% de modificações na estrutura básica. Para ele, o técnico Telê Santana conseguiu algo mais de todo mundo.

— Com o seu jeito simples de trabalhar, de um profundo conhecedor da profissão, o técnico Telê Santana conseguiu, acima de tudo, a dedicação total do time do Palmeiras. Aqui, todos lutam pelo time, e não a benefício próprio. As estrelas individuais, diante disto, morreram. E nós temos uma vontade incrível de vencer.

— Dentro do espírito de união, quem sai vencendo é o Palmeiras, o clube que nos contratou. Com a ajuda recíproca, hoje em dia ninguém vê um jogador reclamando do outro abertamente. Isto dá uma tranquilidade muito grande a todos os jogadores novos, como eu, principalmente, que vim do interior de São Paulo.

Para Jorginho, que nunca tinha jogado de ponta direita, não foi nenhuma novidade se ambientar facilmente na nova posição. Dentro do futebol moderno, um lugar só não dá camisa a ninguém e por isso, desde garoto, nos treinamentos, ele sempre pediu para o técnico deixá-lo se movimentar à vontade em campo. Nas peladas, também ocupou outras posições.

— Tudo ficou mais fácil com o apoio do técnico. Dei sorte. O time começou a ganhar comigo de ponta direita e o técnico não quis mexer de novo. Também não sinto mais dificuldades para jogar por ali, pois, como já disse, não sou um ponta fixo. Minha única missão é não desguarnecer o setor. Nem eu e nem o Rosemiro.

Para ser, hoje, um jogador de destaque dentro do esquema do Palmeiras, Jorginho teve de enfrentar muitas dificuldades na sua vida de jogador profissional, pois eram poucos os que acreditavam na sua contratação. Mesmo sendo o jogador mais famoso do trio que veio do Marília (ele, Reinaldo, lateral esquerdo, e Luis Silvio, ponta direita) teve de enfrentar o estágio do empréstimo.

Isto porque a maioria desconfiava do seu ótimo estado de saúde. Então, o Palmeiras preferiu pagar 500 mil cruzeiros pelo empréstimo por um ano e deixar os outros 2,5 milhões de cruzeiros para saldar quando ele provasse que não tinha nada daquilo que andavam dizendo.

No Campeonato Paulista-79 veio o baque. Uma infecção testicular quase manda Jorginho de volta ao Marília. Jorginho recuperou-se, voltou ao time jogando o mesmo futebol e tornou-se, novamente, no cérebro eletrônico do time, construindo as jogadas que se transformam em gol e que levam seu time à vitória. Agora, Jorginho vai ficar, em definitivo.



Na Seleção do Brasil que disputou uma vaga para o Mundial do Japão, embora o quadro fosse bom, quase todos os valores do Brasil, inclusive Jorginho, não chegaram a produzir seu real futebol.

SÃO PAULO, UM CLU



As festas, por ocasião de datas especiais, constituem uma atração especial para a grande família são-paulina. A banda costuma abrir o desfile.



Todos os departamentos do São Paulo, participam orgulhosamente do desfile. Ao alto vemos as garotas do Departamento de Ginástica e Yoga.



A elegância e graça das meninas da Escola de Ballet, no Morumbi, além do aperfeiçoamento do corpo, mostram-se animadas e confiantes.

Nos dias atribulados em que vivemos, um clube é sempre um oásis para aliviar a carga de uma semana de estudos, trabalho e responsabilidades, as mais variadas. O corre-corre diário pelo trânsito confuso e embaralhado; as dificuldades para se conseguir a gasolina nos fins-de-semana, na hora do rush de fechamento dos postos, constituem uma verdadeira escada em espiral. Quando se chega ao alto os nervos parecem esticados ao máximo como uma corda de violino, provocando, então, a revolta, o xingamento, as brigas inúteis, por assuntos de somenos importância, levando então o paulistano — ou até mesmo o mais pacato cidadão do interior — a um estado de irritação, só aliviado quando se pode no decurso de uma partida de futebol, descarregar toda a ira sobre o árbitro, um atleta ou até mesmo contra um torcedor, às vezes um grande amigo.

Compreendendo toda esta situação, o propósito dos dirigentes do São Paulo FC tem sido sempre o de oferecer cada vez mais um pouco de entretenimento aos seus associados: As festas levadas a efeito no parque poliesportivo do Estádio "Cícero Pompeu de Toledo"; os campeonatos internos de futebol; os certames diversos, dos quais participam equipes dos "Fraldinhas", "Dentinho", "Dentão", "Dente de Leite", permitem sempre um relaxamento completo, numa terapêutica capaz de "recarregar" a pilha já gasta ao final da semana.

Tem procurado, a alta di-

BE ABERTO A TODOS!

reção do "Mais Querido", nos últimos anos ampliar todas as suas instalações para completa recreação dos associados. O novo balneário está em funcionamento. As piscinas, durante este verão, começaram a apanhar um público dos maiores. Em qualquer parte do conjunto, quer nas quadras de tênis, de basquete, de voleibol, de futebol de salão ou mesmo de bocha, lá estão os tricolores (ou até mesmo torcedores de outras agremiações, mas associados ao clube por residirem nas imediações do Estádio), aproveitam todas as regalias proporcionadas pelo São Paulo FC.

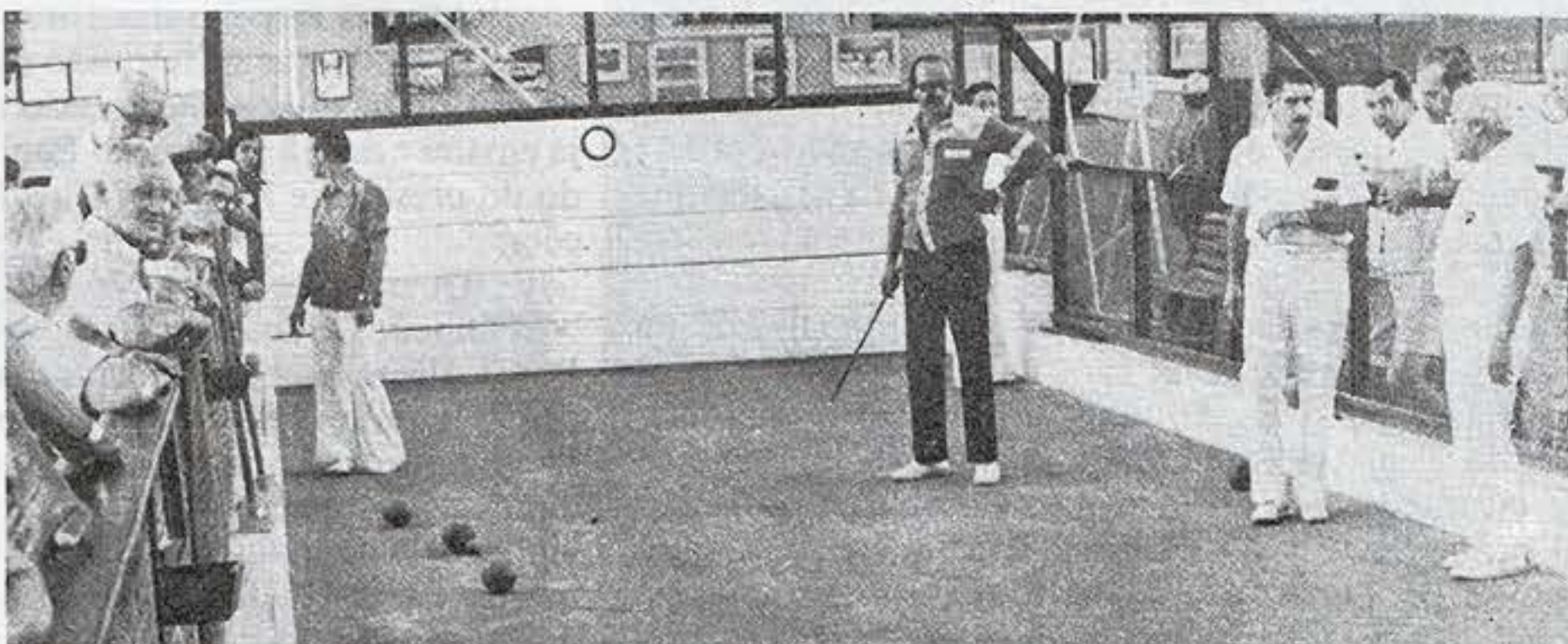
Podemos dizer, sem receio de cometer qualquer engano, ser o São Paulo um clube aberto para todos. Sem discriminações. O Departamento Social cada vez se mostra mais empenhado no sentido de oferecer sempre "algo mais" ao associado e seus familiares. As crianças encontram distrações variadas, pois até campo de "mini-golfe" o Morumbi possui. No judô, na ginástica, no futebol de campo, natação, enfim, em todas as modalidades esportivas a preocupação dos são-paulinos é a de oferecer sempre o melhor. Naturalmente o "Paulistão" para isso muito tem contribuído. Mas é fora de dúvida; que o associado reencontra a paz interior nas dependências do Morumbi, pelas facilidades ali encontradas. Isso tudo, dentro de um ambiente sadio, respeito e atenção. Enfim, uma grande família, unida para enfrentar sempre uma outra semana cheia de atribulações.



Os garotos da "escolinha" do São Paulo, já começaram a ganhar os títulos. 1979 foi um ano pródigo em conquistas para os jovens campeões.



Todos os departamentos de esportes do "Mais Querido", possuem jovens praticantes que no futuro poderão dar grandes alegrias ao clube.



O Departamento de Bochas do São Paulo é um dos mais completos no gênero. Suas equipes são poderosas e não temem qualquer adversário.

Mesmo nas férias, o craque trabalha pela sua classe:



PALHINHA

DESCANSA CARREGANDO PEDRAS

Texto: Levi Silva

Jogador de uma importância fora de série ao time que defende, o Corinthians, Palhinha tem se portado de maneira a mais elogiosa possível. Além de bom companheiro, daqueles que ajudam sempre qualquer jogador que o procura, como presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo, ele está à frente de todos os problemas que se restringem à classe:

“Desde que o Leão saiu do Palmeiras, deixando o futebol paulista e se transferindo para o Vasco, passei a comandar a nossa classe aqui em São Paulo. Uma função que exige bastante da gente, mas que dá muita satisfação, em saber que estamos batalhando, trabalhando em função daquilo que é nosso, ou seja, o direito que todo o atleta profissional tem de exigir dos clubes, quando se sabe que muitas vezes determinados clubes exigem muito e oferecem pouco”.

Desde o último dia 15 o elenco do Corinthians está em férias. Um mês de descanso, após um ano de disputas, as mais variadas possíveis. E enquanto a maioria dos integrantes do elenco mosqueteiro está numa boa, Palhinha vai aproveitando para resolver alguns problemas atinentes à classe que lidera. Nesta última semana, por exemplo, realizou-se em Porto Alegre o II SINAL — II Simpósio Nacional do Atleta Profissional, com a presença dos presidentes de 19 Sindicatos Brasileiros, entre eles Palhinha:

“Foi um encontro muito proveitoso e no seu final, foi redigido um memorial a ser encaminhado às autoridades, desde o presidente do CND, a nível federal, até as direções de clubes, ligas e federações. No documento foram colocadas todas as reivindicações da classe, abrangendo seis aspectos: lei do atleta profissional; o atleta profissional na Previdência Social; o calendário esportivo; Fundo de Assistência ao Atleta Profissional; direito de imagem e Lei de Arena; jornada de trabalho”.

“Aliás, a respeito dos Direitos de Arena, que poucas vezes as emissoras de televisão pagam os jogadores, astros diretos de qualquer transmissão ao vivo, Palhinha diz que já enviou ofício à Federação Paulista de Futebol, solicitando do presidente Nabi Abi Chedid as seguintes reivindicações:

“Quando da realização das partidas entre Flamengo × Palmeiras e Internacional × Palmeiras, no Rio e em Porto Alegre, respectivamente, assim como o jogo Palmeiras × Inter aqui em São Paulo, pela decisão da Copa Brasil 79, houve transmissão ao vivo pela televisão. Assim, pedimos ao presidente da FPF que exija de quem de direito vinte por cento daquilo que foi obtido como lucro, quantia que deve ser enviada ao Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo. Aí sim, distribuiremos tal dinheiro aos jogadores do Palmeiras”.

ESTE ANO FOI RAZOÁVEL, MAS EM 80 TUDO MUDARÁ!

Agora, que os jogadores de todas as equipes profissionais encontram-se em gozo de merecidas férias, chegou a hora de uma reflexão mais ampla sobre aquilo que foi feito no ano que se encerra. Palhinha diz que 1979 bem que poderia ter sido melhor:

"Eu diria que não foi bom e nem foi ruim. Foi um ano razoável, pelo menos para mim e para a equipe do Corinthians. Tivemos boas e más fases, mas só saberemos que tudo foi mesmo válido, se acontecer em fevereiro a decisão do título. Nós, o Palmeiras, o Guarani e a Ponte Preta (talvez a Ferroviária) estamos classificados e com as mesmas chances de atingir a meta desejada. Se obtivermos o título, aí sim o ano de 79 passará de razoável para ótimo".

Palhinha concorda com o campeonato, nos moldes como foi disputado serviu para desgastar e muito os jogadores de todas as equipes. Principalmente pelas duas primeiras fases que não influíram muito nos destinos do certame:

"Com exceção do Velo que foi rebaixado e do Marília que teve necessidade de disputar uma série melhor de três com o Santo André, nenhum outro time foi favorecido pelos dois primeiros turnos. Não só pelo Corinthians, mas como o próprio Palmeiras que se destacou em relação aos demais, para não ter benefício nenhum na decisão".

Depois de tantas indecisões ocorridas nesta temporada, quem sabe se no ano que vem tudo fique bem mais claro e melhor para os clubes, dirigentes e jogadores, como ressalta Palhinha:

"Não tem dúvida que este é o nosso desejo maior. Que tudo de ruim que ocorreu em 79 sirva de lição para que o nosso futebol seja melhor aproveitado em 1980. Porque se assim acontecer, todos sairão ganhando, principalmente o torcedor, que às vezes vai aos estádios com o maior sacrifício, sem ter uma recompensa à altura do seu esforço. Mas acho que no ano que se aproxima o futebol não dará tristezas ao torcedor, mas muita alegria, com jogos de boa categoria".



JORGE VIEIRA CONHECE TUDO E SABE DIALOGAR

Quando Teixeira deixou de ser técnico do Corinthians, muitos ligaram o assunto ao desentendimento que ele tivera durante o primeiro turno com Palhinha, quando o jogador negou-se a ficar no banco de reservas por ocasião de uma partida no Morumbi contra o Palmeiras. Mas, Palhinha prefere nem tocar neste assunto, preferindo abrir um largo sorriso ao analisar o técnico atual do Corinthians, Jorge Vieira, segundo ele um treinador com uma "bagagem muito grande".

"Sem dúvida, já admirava o Jorge Vieira há muito tempo, acompanhando de longe o seu trabalho no Botafogo, quando o "magrão" (Sócrates) lá estava, chegando a equipe à decisão do primeiro turno do campeonato de 77 com o São Paulo e ganhando o título da primeira fase do certame naquela temporada. Agora, que estamos trabalhando junto, posso garantir que ele é mais ainda daquilo que eu imaginava".

Com Jorge Vieira, o elenco passou a ser mais unido em torno de um só ideal: "sermos os campeões paulistas já deste ano, embora o título só deva ser decidido (se acontecer) no mês de fevereiro. O Jorge Vieira é uma figura sensacional. Além dos seus conhecimentos técnicos e táticos ele organiza jogadas ensaiadas, e o que é mais importante, sabe dialogar com os jogadores, inteirando-se daquilo que cada um pode e deve fazer para ajudar ao máximo a equipe".

Palhinha concorda quando dizem que "técnico não ganha jogo", mas faz aí um adendo importante ao abordar o técnico Jorge Vieira: "pode não ganhar jogo, mas sua capacidade como orientador técnico e tático pode dar ao time aquilo que falta, mesmo com a dedicação, com o amor à camisa por parte dos jogadores".

Ele finaliza dando uma palavra de tranquilidade à grande torcida do Corinthians para aguardar que logo todos verão um time diferente em campo: "como já aconteceu nas partidas finais do terceiro turno, o Corinthians vai demonstrar uma nova maneira de atuar, mais objetiva, com cada jogador tendo mais a oferecer de si dentro do gramado".

Jogos Olímpicos de Moscou

JOÃO DO "PULO" POR ENQUANTO É O ÚNICO



João do Pulo na magnífica recepção que lhe foi tributada após a grande conquista nos Jogos Pan Americanos de Porto Rico. Para Moscou é a esperança do Brasil na conquista de u'a medalha de ouro.



Marquinhos e Carioquinha, figuras indispensáveis à nossa seleção de basquetebol.

Escreveu: Oswaldo Bentini

Praticamente seis meses nos separam das próximas Olimpíadas, a serem realizadas em Moscou. E se traçarmos uma perspectiva quanto as nossas possibilidades nos magnos jogos poliesportivos internacionais chegaremos à conclusão de que não são nada animadoras, visto que os esportes olímpicos no Brasil, apesar da iniciativa do Governo, através do Ministério da Educação e Cultura, propiciando a ida de atletas à Europa, em particular à Alemanha Ocidental, para estágios junto a centros especializados em algumas modalidades, bem como a vinda de técnicos daquele país, para ministrar clínicas e aulas aos nossos preparadores sobre o que de mais desenvolvido existe no Velho Mundo em relação, mormente, aos esportes-base, num intercâmbio dos mais elogiáveis e que revela a boa intenção dos responsáveis pelo setor em nossa terra, ainda que melhorando tecnicamente determinados atletas, não é o suficiente para o condicionamento indispensável para fazerem frente aos grandes e renomados "astros" que estarão presentes em Moscou no próximo ano. Estágios e cursos realmente aprimoram as virtudes técnicas de um atleta, mas o que, na verdade, o torna apto a desenvolver os conhecimentos assimilados, são as competições, o que vale dizer que a teoria tem o seu indiscutível valor, mas o que desenvolve, aprimora e aperfeiçoar é, inquestionavelmente, a prática. Aquela, associada a esta, torna-se a fórmula ideal para se formar um verdadeiro atleta. Aliás, essa concepção pode muito bem ser aplicada a todas as atividades desenvolvidas pelo homem. Com apenas uma delas, ninguém se completa.

E a própria dimensão territorial do Brasil é um obstáculo à introdução de um plano de trabalho que venha a provocar uma presença maciça de representantes, pelo menos, da maioria de suas unidades, daí, os certames nacionais — com exceção do futebol — limitarem-se à participação somente de São Paulo, Rio, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, basicamente, e, esporadicamente, de uns outros poucos Estados. E isso é nada em relação à potencialidade que o Brasil poderia explorar no setor esportivo, tivessem nossos órgãos condições e possibilidades financeiras para ampliar tais disputas. E esse fenômeno negativo para nós, é sentido,

igualmente, em termos continentais, pois, pudesse o Brasil intensificar as competições de que participa com países da América do Sul, nas mais variadas modalidades, e ainda assim, teria um retorno positivo quase que nulo. E porque? Simplesmente porque sendo a maior potência poliesportiva deste continente, seus atletas ou jogadores jamais seriam exigidos de tal forma que pudessem buscar um aprimoramento que lhes desse condições de se manterem "por cima", o que, em outras palavras significaria uma constante preocupação de evoluir para não ser sobrepujado. E como esse hipotético panorama é uma verdadeira utopia, como impraticável, por questões óbvias, é o maior intercâmbio com países da Europa ou mesmo da América do Norte, resulta que os esportes olímpicos brasileiros continuam estagnados, vivendo de uma rotina que não os leva a nada, daí, raramente, surgirem algumas figuras que chegam inclusive a assombrar o mundo, marcando sua presença de forma a mais espetacular, como é o caso do nosso "João do Pulo", atual recordista mundial do salto triplo.

E calcados nessa realidade, nós brasileiros, ainda que contrafeitos, não devemos esperar muito do nossos atletas nas próximas Olimpíadas de Moscou. Se dependesse deles, não temos dúvidas, trariam todas as medalhas de ouro em disputa, pois, a raça, a dignidade e a vontade de vencer sempre foram tónicas que caracterizaram nossos homens. Mas nem sempre tais virtudes são suficientes para se chegar ao fim colimado. E em Moscou, os brasileiros encontrarão a "força total" de todos os demais países brigando pela vitória, ainda que fazendo do cavalheirismo, respeito e reconhecimento as suas principais armas, o que, aliás, caracteriza o verdadeiro espírito olímpico.

NOSSAS POUCAS CHANCES

Dada às circunstâncias, portanto, o Brasil em Moscou não será muito diferente daquele que se apresentou nos Jogos anteriores, há quatro anos, em Montreal. Como certeza quanto a uma medalha de ouro, novamente essa extraordinária figura que é João Carlos de Oliveira, mesmo porque, em todo mundo, ao longo desses anos, não surgiu nenhum outro especialista que possa lhe fazer frente, ele que nos Jogos Pan-Americanos de Porto Rico revelou estar em plena forma. Ainda no atletismo, quanto muito, uns poucos poderão, quem sabe, ultrapassar a barreira classificatória, porém com limitadas possibilidades de chegar a uma das três medalhas, visto que o atletismo é o forte da maioria das nações que estarão na capital soviética. A natação, igualmente, nos poderá dar outra medalha com esse fabuloso Djan Madruga. Poderá ser até uma outra de ouro, já que Djan está numa ascensão técnica das mais invejáveis, consoante revelou em San Juan. Iatismo, remo, judô, hipismo, tiro, vela e handebol são modalidades em que o Brasil poderá se destacar, com largas chances de até brigar por algumas medalhas, sem entretanto ter a pretensão de chegar ao ouro.

Uma modalidade em que o Brasil poderá surpreender é o ciclismo. De uns tempos para cá, nossos ciclistas têm apresentado uma evolução de tal ordem que não será exagero uma afirmação de que poderão "engrossar" a vida dos "papões" do pedalismo mundial, ou se-

jam, holandeses, espanhóis e suíços, mesmo porque os bambas da América Latina já se vergaram ante nossos ciclistas no recém-findo certame Pan-Americano realizado na Venezuela, quando os brasileiros, além de superarem algumas marcas, culminaram por ficar com o ambicionado título de campeão por equipes.

Nas demais modalidades, as chances brasileiras são bem reduzidas, a menos que aconteça alguma surpresa, própria, aliás, de competições dessa natureza, quando não raro o homem se sobrepuja e logra resultados tão inesperados quanto surpreendentes.

Basquetebol, vôlei e futebol são esportes coletivos nos quais o Brasil sempre pontificou.

Todavia, nessas modalidades, nós não temos ainda presença garantida em Moscou. Taremos, antes, que passar por uma sabatina das mais árduas, quais sejam os respectivos Torneios Pré-Olímpicos que determinarão o preenchimento das derradeiras vagas ainda existentes para completar o quadro de concorrentes aos Jogos. A tarefa brasileira não será nada fácil, levando-se em conta os seus oponentes. Mas nessas modalidades, o Brasil sempre preponderou e tudo leva a crer que passaremos nesse vestibular e, em Moscou, o basquete, o vôlei e o futebol poderão, perfeitamente, contribuir para que ganhemos um maior número de medalhas.



No vôlei masculino, podemos chegar a uma das medalhas.



Madruga deu um "show" no Pan. Pode repetir nas Olimpíadas.



No ciclismo, o Brasil pode surpreender.

UMA CRUZ PESADA A CAMISA 9 DO SANTOS



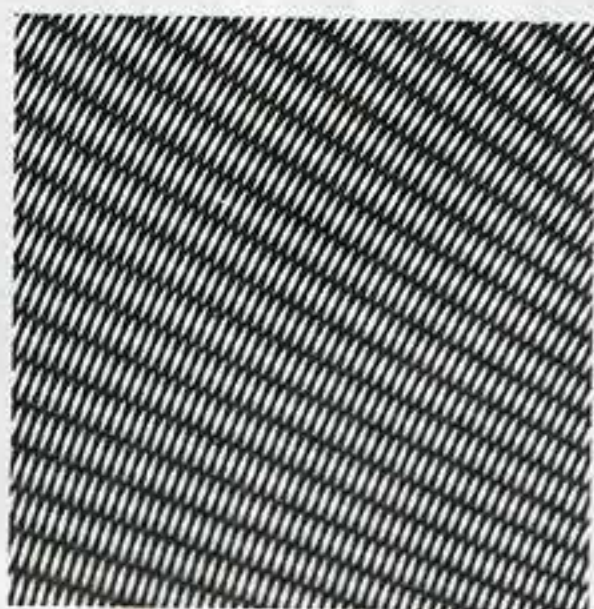
Este é Coutinho, intimamente chamado de "O Gordo". Suas "tabelinhas" com Pelé, ficaram famosas. A gordura, no entanto, impediu continuar jogando bola. Abandonou cedo o futebol.



Toninho, a exemplo de Coutinho, além de formar uma grande dupla com Pelé, também chegou à seleção do Brasil. O peso da "9" praiana do Santos impediu que ele continuasse na Vila. Foi campeão no S. Paulo.

Não há, entre os atuais jogadores, dirigentes, ou mesmo técnicos que estiveram à testa do elenco santista, nem mesmo com os antigos profissionais, alguém que consiga explicar as razões que arrastam para fora da Vila Belmiro, os mais destacados centro-avantes do "peixe". Valores, é preciso que se explique, de categoria indiscutível, convocados para defender a própria seleção brasileira. Todavia, a "Camisa 9" do Santos, parece uma cruz pesada demais para qualquer um dos que a vestiram. Não há um só astro, de quantos despontaram no onze santista, em condições de segurá-la por um longo período. Pagão, uma

jóia rara no futebol, parecia feito de porcelana. Coutinho, tinha todas as virtudes exigidas para um renomado craque. Deixando de lado, contudo, a moderação recomendada a um atleta fora do gramado, acabou gordo demais. Se a sua tendência já era para isso, com os abusos praticados, perdeu o posto, a fama, cedo demais. Toninho "Guerreiro", cujas virtudes de "goleador" eram sentidas no Noroeste e foram confirmadas no Santos, foi talvez — aquele a se aguentar um pouco mais na posição, deixando no entanto o alvinegro, para tornar-se um ídolo e campeão no São Paulo.



Quantos, depois dos elementos acima apontados, envergaram a camisa "9" do Santos? Durante quanto tempo? Quais as razões de suas saídas? Euzébio era ruim? Claro que não. Por que Pelé não quis vestir a "9" do clube praiano em muitas ocasiões?

Os garotos que "pintam" no quadro de baixo da Vila famosa, com a número "9" não conseguem "vingar" no time de profissionais. Há algum mistério? Claudinho, cujas qualidades também são excelentes, entrou e saiu do onze praiano, mas os seus melhores momentos foram com a "7" e não com a "9". Muitas, sem dúvida, foram as experiências e tentativas feitas pelo Santos para encontrar um "goleador" capaz de ficar eterno no clube, vestindo a gloriosa camisa branca. O último deles foi Juari.

Um "crioulinho" arisco, atrevido, cujo tamanho parecia não assustar os adversários. Todavia, não houve zagueiro tranqüilo à sua frente. Um verdadeiro "corisco", infiltrava-se pelas zagas adversárias com uma facilidade espantosa. Parecia ter o clube de "Urbano Caldeira", encontrado o homem certo. A impressão foi uma só: a cruz tornou-se leve e até mesmo Juari consegue carregá-la. De repente, do dia para a noite, sem uma explicação compreensível para o resto do Brasil, eis Juari com seu passe negociado para o México, ficando outra vez o clube praiano, sem um "homem-gol" para aproveitar as jogadas de um Pitta, de um Nilton Batata ou de um João Paulo.

Será tão pesada, como parece, a cruz que representa a camisa "9" do Santos? Difícil responder. Mas uma coisa todos concordam: será difícil, no futebol brasileiro, encontrar um outro elemento com os mesmos atributos e virtudes revelados pelo "garoto" Juari.



Reynaldo se constituiu numa das tentativas do Santos para solucionar o problema da camisa 9 praiana. Não teve sorte. Ficou mais tempo contundido que jogando.



Flávio, depois de explodir no Corinthians, no Fluminense e até mesmo em Portugal, nada conseguiu com a camisa "sem sorte" do clube praiano.



Alcindo, o "Martinha", fazia gols incríveis no Sul. Também fez alguns na Vila. De repente a "fonte secou" e ele acabou saindo. Não agüentou, igualmente, a pesada cruz da 9 santista.



Ninguém consegue explicar o que ocorreu com o garoto Juari. Um jogador com todas as virtudes de "goleador nato". Veloz ao extremo. Atrevido por excelência. Tamanho para ele não era documento. Infiltrava-se com facilidade contra qualquer sistema defensivo e foi sua maneira de agir, prática e envolvente, que o levou à seleção do Brasil, onde não encontrou nenhuma chance, em virtude do sistema imposto por Cláudio Coutinho. Sua saída do Santos vai deixar uma grande lacuna, pois parecia ter resolvido, de vez, o problema da "9" praiana. Está no México.



Eusébio, outro "crioulo" arisco, surgiu ao lado de Pelé e prontamente a crítica esportiva paulista reconheceu os talentos de um super craque no jovem centro-avante santista. Chegou, inclusive, a mostrar virtudes tão elevadas, passando a ser olhado como o próprio substituto do "Rei". Todavia, os dirigentes santistas, tentados pelos dólares mexicanos acendidos na direção do clube "peixeiro" acabaram cedendo o seu passe para o futebol azteca, onde Eusébio acabou tornando-se um ídolo e continua confirmando os seus dotes de artilheiro. A 9 do Santos pesou muito sobre seu corpo...



O grande astro Pelé, imortalizou a camisa "10" do Santos. Não foi apenas um goleador. Tornou-se o símbolo de uma geração. Conquistou todos os títulos ambicionados por um atleta: campeão paulista, brasileiro, sul-americano e mundial. Não só pelo seu clube como também pelas Seleções de São Paulo e do Brasil. No começo pretendiam dar-lhe a camisa "9". Não se sabe como preferiu a dez e até selo acabou tendo em sua homenagem. Só na Copa do Mundo de 1958, não vestiu a tradicional camisa que o tornou famoso no mundo inteiro. 9 não era com ele...



Todas as tentativas foram feitas pelos dirigentes do Santos, para possuir um "homem-gol" que deixasse de dar dores de cabeça à torcida do alvinegro, cujo número cresceu de maneira assustadora após a era Pelé. Tão grande passou a ser esta que a própria Fiel começou a ficar inquieta, com medo de perder a primazia que continua ostentando. César, o "Leão" do Palmeiras, depois da punição sofrida pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva, ficou sete meses sem ver bola. Quando voltou não acertou no clube esmeraldino e no Santos também fracassou com a 9!

DIVERSÃO

UMA PÁGINA DE DON OSCAR



REFRÃO

Não se queixe do engano,
quem para amostra
compra o pano.

JOGO DAS SETE DIFERENÇAS

PENSAMENTOS

Todos os homens
estão sujeitos a errar;
mas só os nécios per-
sistem no seu erro.

Faz sempre primei-
ro o mais difícil.

Aquele que des-
confia faz um convite
a que o atraíem.



— Como lhe foi a tua mulher com
aquele método para emagrecer?

— Bárbaro, desapareceu todinha a
semana passada.

INVENTOS E DESCOBERTAS

O MOTOR DIESEL foi inventado em 1895 pelo alemão Rudolf Diesel. Construiu ele em Winterhur, na Suíça, o primeiro motor pesando 450 libras/HP, em que se usou óleo pesado, pulverizado em contato com o ar, sendo este aquecido por compressão e assim provocando a ignição do óleo. Diesel nasceu em 1858 e morreu em 1913.

As palavras cruzadas foram inventadas em 1923 pelo jornalista inglês Arthur Wynne.

O revólver foi inventado em 1829 pelo inglês Samuel Colt.

A rotativa moderna foi inventada em 1846 pelo americano Robert Hoe.

As perfurações a margem dos filmes onde os dentes da bobina pegam para descer a fita foram inventadas em 1890 pelo americano de origem francesa Le Prince, que lançou todas as peças básicas de câmara cinematográficas e do projetor.

O Rugby, popular jogo americano, foi inventado em 1823, pelo estudante William Hellis, de um colégio da cidade inglesa de Rugby.



TELE

PAULISTA
O Maior Cardê
do Mundo



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ